





APRESENTAÇÃO

A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS vem publicando, há quase um século, obras fundamentais de nossa cultura, notadamente nos campos literário e histórico.

Diversas edições ou reedições de obras escritas no período colonial datam de 1923 e devem-se ao zelo constante e clarividente de Afrânio Peixoto, primeiro animador do projeto editorial da Casa de Machado de Assis. Publicando textos de José de Anchieta e os diálogos de Jean de Léry a fim de inaugurar a coleção, intitulada a princípio Biblioteca de Cultura Nacional, a Academia empreendeu dar a lume uma seleção representativa de nossa incipiente literatura e historiografia. A Biblioteca de Cultura Nacional dividia-se em cinco seções: I. Literatura; II. História; III. Bibliografia; IV. Inédita; e V. Discursos.

Destacam-se algumas obras, então raras, enriquecidas de prefácios e comentários do próprio Afrânio Peixoto e, entre outros, de Rodolfo Garcia, Capistrano de Abreu, Teodoro Sampaio e Pedro Calmon: a *Prosopopeia*, de Bento Teixeira; *Música do Parnaso*, de Manuel Botelho de Oliveira; *Obras*, de Gregório de Matos; *Compêndio narrativo do peregrino da América*, de Nuno Marques Pereira; *O Uruguai*, de Basílio da Gama, bem como quatro volumes de cartas jesuíticas e a edição do *Tácito português*, que recolhe máximas e pensamentos atribuídos a d. João IV.

A partir de 1931, a coleção recebeu, com toda justiça, o nome do seu idealizador, Afrânio Peixoto, tendo-se então voltado de preferência para

a edição de trabalhos de cunho bibliográfico. Vale registrar igualmente a publicação de fac-símiles de algumas edições *princeps*: *O Uruguai*, de Basílio da Gama; *Poesias*, de José Bonifácio; *Queda que as mulheres têm para os tolos*, de Machado de Assis; *Uma página da Escola Realista*, de Castro Alves; *Ouro! ouro!*, de Afonso Arinos; *Cartas sobre a Confederação dos Tamoios*, de José de Alencar; e *Os Lusíadas e Rhythmas*, de Luís de Camões. Iniciativa meritória, que encerrou essa etapa, foi a publicação de sete volumes da obra crítica de João Ribeiro, organizada por Múcio Leão (1952–61).

A coleção aguardou até 1986 para sua retomada. A nova fase, sob a responsabilidade do acadêmico Arnaldo Niskier, abriu-se com chave de ouro: o título inicial foi sobre o *Jornal de Timon*, de João Francisco Lisboa, patrono de nosso melhor jornalismo político. O segundo volume reeditou o texto autobiográfico de José de Alencar, *Como e por que sou romancista*.

O alto número de títulos publicados a partir dessa última data (são 107 volumes até 2014) pode ser atestado pela leitura do presente catálogo. A vitalidade da coleção comprovou-se recentemente pelo projeto de publicação integral da correspondência ativa e passiva de Machado de Assis: cinco volumes organizados pelo acadêmico Sergio Paulo Rouanet com a assistência das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério.

Outras coleções vieram diversificar o acervo editorial da Academia Brasileira de Letras. O nome de Austregésilo de Athayde, presidente da instituição de 1958 até 1993, enfeixa um elenco significativo de publicações, algumas das quais de autoria de nossos acadêmicos. Trata-se de uma iniciativa aberta principalmente a textos modernos e contemporâneos. Não por acaso, foi inaugurada em 2001 com a reedição de um ensaio de interpretação da poesia de João Cabral de Melo Neto, da pena de Lauro Escorel. A escolha rendia homenagem ao poeta, havia pouco falecido, e foi proposta por seu sucessor, o poeta Ivan Junqueira. A Coleção Austregésilo de Athayde conta, até o presente, com 34 obras.

A Coleção Antônio de Morais Silva, cujas publicações começaram em 2003, foi projetada para cumprir a determinação do Artigo 1^a do Estatuto da Academia, o cultivo do idioma, e o nome da coleção, escolhido para homenagear o primeiro dicionarista da língua portuguesa. A série, que já

alcançou o décimo oitavo volume, conta com a competente orientação do acadêmico Evanildo Cavalcanti Bechara, a quem se devem a seleção e a apresentação das obras que a integram. O título de estreia, os *Estudos filológicos*, de Antenor Nascentes, dá o paradigma da oportunidade da iniciativa. Trata-se de uma coleção que não se limita a reeditar os clássicos desse campo de estudos, mas cumpre o desígnio de reunir textos esparsos em revistas ou publicações avulsas de difícil acesso aos pesquisadores de nossa bibliografia linguística e filológica.

O leitor deste catálogo poderá verificar a excelência da coleção pelos nomes que a nobilitam: Heráclito Graça, leitor agudo de Cândido de Figueiredo; Aurélio Buarque de Holanda, não só dicionarista, mas fino analista de estilos literários; José Maria Rodrigues, um dos maiores camonistas portugueses; Said Ali, filólogo de largas vistas; Rocha Pombo, aqui constando no seu trabalho de lexicógrafo; e João Ribeiro, polígrafo que abraçava com igual perícia a crítica literária, a paremiologia e a história interna da linguagem oral. Atente-se igualmente para a edição fac-similada do texto de 1760 das *Infermidades da língua*, de Manuel José de Paiva.

Iniciada em 2009, a Série Essencial, idealizada e organizada pelo acadêmico Antonio Carlos Secchin, é a mais nova das coleções da Academia Brasileira de Letras. O seu objetivo é oferecer informações básicas sobre cada um dos ocupantes das cadeiras da ABL, bem como sobre os patronos da instituição. Até o presente foram publicadas 84 obras compostas por acadêmicos ou por estudiosos familiarizados com o a trajetória intelectual dos seus biografados.

Um conjunto de títulos à parte constitui a série de obras publicadas pela ABL em coedição com diversas editoras. A motivação principal do recurso a parcerias editoriais vem a ser a necessidade de uma divulgação mais ampla da produção intelectual da Academia. Disposições regimentais até o momento vigentes não autorizam a comercialização das obras editadas exclusivamente pela instituição. As coedições, em número de 111 até 2014, começaram a publicar-se em 1998, cobrindo gêneros diversos, que vão da poesia ao ensaio crítico, da ficção à história literária.